DEUS *Controla* TUDO?

R.C. SPROUL

QUESTÕES CRUCIAIS

No. 13

QUESTÕES CRUCIAIS

Nº | 13

DEUS *Controla* TUDO?

R. C. SPROUL

FIEL Editora

Deus Contola Tudo?
Traduzido do original em inglês
Does God Controls Everything?, por R. C. Sproul
Copyright © 2012 by R. C. Sproul

●

Publicado por Reformation Trust Publishing a division of Ligonier Ministries
400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

Copyright©2013 Editora FIEL.
1ª Edição em Português 2013

●

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

●

Diretor: James Richard Denham III.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Elaine Regina Oliveira dos Santos
Diagramação: Rubner Durais
Capa: Gearbox Studios
Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-235-3

Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Sumário

Um – O que É Providência?

Dois – Deus Faz Tudo Acontecer

Três – Deus ou o Acaso?

Quatro – Deus é Responsável pela Impiedade Humana?

Cinco – E Quanto à Liberdade Humana?

O que É Providência?

Um dia, enquanto eu assistia a um programa de notícias, apareceu um anúncio sobre uma série de livros a respeito de problemas da vida no passado. Uma das imagens do comercial mostrava um soldado confederado, da Guerra Civil, deitado numa maca, recebendo cuidados de uma enfermeira e de um médico da linha de batalha. Em seguida, o narrador me informou que a leitura daquele livro me ajudaria a entender o que significava ficar doente, em meados do século XIX. Aquilo atraiu minha atenção, porque muitas pessoas do século XXI são tão fortemente presas ao seu tempo, que raramente pensam em como as pessoas levavam a vida em épocas e gerações anteriores.

Esta é uma das áreas em que me vejo fora de harmonia com os meus contemporâneos. Penso, com muita frequência, na vida das gerações anteriores, porque tenho o hábito de ler obras escritas por pessoas que, em muitos casos, viveram muito antes do século XXI. Gosto de ler,

especialmente, autores dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Nos escritos desses autores, constantemente, observo um senso agudo da presença de Deus. Esses homens tinham um senso de uma providência que envolvia tudo. Vemos uma indicação deste senso de que toda a vida está sob a direção e o governo do Deus todo-poderoso, no fato de que uma das primeiras cidades, no que é agora os Estados Unidos da América, foi Providence, em Rhode Island, fundada em 1636. De modo semelhante, a correspondência pessoal de homens de séculos anteriores, como Benjamim Franklin e John Adams, é entremeada com a palavra *providência*. As pessoas falavam sobre uma "Providência benevolente" ou uma "Providência irada", mas havia, frequentemente, um senso de que Deus estava envolvido de maneira direta na vida diária das pessoas.

A situação é muito diferente em nossos dias. Meu falecido amigo James Montgomery Boice costumava contar uma história engraçada, que ilustrava apropriadamente a mentalidade contemporânea com respeito a Deus e ao seu envolvimento no mundo. Houve um alpinista que escorregou numa saliência e estava prestes a mergulhar centenas de metros para a sua morte, mas, enquanto caía, ele se agarrou num galho de uma árvore minúscula e desajeitada que crescia numa fresta, na face do despenhadeiro. Quando ele se agarrou no galho, as raízes da árvore começaram a afrouxar, e o alpinista contemplava a morte certa. Naquele momento, ele clamou aos céus: "Há alguém aí em cima, que possa me ajudar?" Em resposta ele ouviu uma voz forte, do céu, que dizia: "Sim, eu estou aqui e posso ajudá-lo. Solte o galho e confie em mim". O homem olhou para o céu e, em seguida, olhou para baixo, para o abismo. Por fim, ele levantou a voz novamente e disse: "Há alguém mais por aí que possa me ajudar?"

Gosto dessa história, porque ela tipifica a mentalidade cultural de nossos dias. Primeiramente, o alpinista pergunta: "Há alguém aí em cima?" A maioria das pessoas do século XVIII admitiam que *havia* Alguém lá. Em

sua mente, havia pouca dúvida de que um Criador todo-poderoso governava os afazeres do universo. Entretanto, vivemos numa época de incredulidade sem precedente, quanto à própria existência de Deus. Sim, pesquisas de opinião pública nos dizem, regularmente, que entre 98% e 99% das pessoas nos Estados Unidos creem em algum tipo de deus ou poder superior. Suponho que isso pode ser explicado, em parte, pelo impacto da tradição; ideias que têm sido preciosas para as pessoas, durante várias gerações, são difíceis de serem renunciadas, e, em nossa cultura, certo estigma social ainda está vinculado ao ateísmo irrestrito. Além disso, acho que não podemos escapar da lógica de supor que tem de haver algum tipo de causa fundamental e última para este mundo, à medida que o experimentamos. Todavia, quando confrontamos as pessoas e falamos com elas sobre a sua ideia de um "poder superior" ou de um "ser supremo", fica evidente que se referem a um conceito neutro – um tipo de energia ou uma força indefinida – e não a Deus. Essa foi a razão por que o alpinista perguntou: "Há *alguém* aí em cima?" Naquele momento de crise, ele reconheceu sua necessidade de um ser pessoal, que estava no controle do universo.

Há outro aspecto dessa anedota que considero importante. Quando o alpinista estava prestes a cair na morte, ele não disse apenas: "Há alguém aí em cima?" Ele especificou: "Há alguém aí em cima, que *possa me ajudar*?" Esta é a pergunta do homem moderno. Ele quer saber se há alguém, fora da esfera da vida diária, que é capaz de lhe prestar assistência. Mas eu acho que o alpinista estava fazendo uma pergunta muito mais fundamental. Ele queria saber, não somente se havia alguém que *poderia* ajudá-lo, mas também se havia alguém que estava *disposto* a ajudá-lo. Esta é a pergunta que está em primeiro lugar, na mente dos homens e das mulheres contemporâneos. Em outras palavras, eles querem saber não somente se há providência, mas também se ela é fria, insensível ou compassiva.

Portanto, a questão referente à providência que pretendo considerar

neste livro é, não meramente, se há alguém lá, mas se esse alguém é capaz e disposto a fazer alguma coisa no mundo em que vivemos.

UM UNIVERSO MECÂNICO E FECHADO

Entre as ideias que têm moldado a cultura ocidental, uma das mais significativas é a ideia de um universo mecânico e fechado. Esta opinião sobre o mundo tem persistido por centenas de anos, e exercido influência tremenda em moldar a maneira como as pessoas entendem a forma como a vida é vivida. Eu diria que, no mundo secular, a ideia predominante é a de que vivemos num universo que é fechado para qualquer tipo de intrusão de fora, um universo que funciona puramente por forças e causas mecânicas. Em palavras simples, a questão crucial para o homem moderno é a *causalidade*.

Parece haver um clamor crescente sobre a influência negativa da religião na cultura americana. Afirma-se que a religião é a força que mantém as pessoas presas na era das trevas de superstição, mantém a sua mente fechada para qualquer entendimento das realidades do mundo que a ciência tem descoberto. Cada vez mais, a religião parece ser considerada o polo oposto da ciência e da razão. É como se a ciência fosse algo para a mente, a pesquisa e a inteligência, enquanto a religião fosse algo para as emoções e os sentimentos.

Apesar disso, ainda há uma tolerância para a religião. A ideia frequentemente expressa, nos meios de comunicação noticiosos, é que todos têm um direito de crer no que escolhe crer; o mais importante é crer *em algo*. Não importa se você é judeu, mulçumano, budista ou cristão.

Quando ouço comentários como esse, quero exclamar: a verdade é realmente importante? Em minha humilde opinião, a coisa principal é crer na verdade. Não estou satisfeito em crer, simplesmente por crer. Se aquilo em que creio não é verdadeiro – se é supersticioso ou falácia – quero ser libertado disso. Mas a mentalidade de nossos dias parece ser a de que, nas

questões de religião, a verdade é insignificante. Aprendemos a verdade da ciência e obtemos bons sentimentos da religião.

Às vezes, expõe-se a ideia altamente simplista de que a superstição religiosa reinou supremamente no passado, e, por isso, Deus era visto como a causa de tudo. Se alguém ficava doente, a doença era atribuída a Deus. Agora, é claro, somos informados de que a doença resulta de micro-organismos que invadem nosso corpo, e aqueles organismos minúsculos operam de acordo com sua natureza, fazendo aquilo para o que eles evoluíram e podem fazer. De modo semelhante, enquanto, nos dias anteriores, as pessoas acreditavam que um terremoto ou um temporal era causado pelas mãos de Deus, hoje somos assegurados de que há razões naturais para esses eventos. Eles acontecem por causa de forças que são parte da ordem natural das coisas.

No século XVIII, Adam Smith escreveu um livro que se tornou o clássico da teoria econômica do Ocidente – *A Riqueza das Nações*. Neste livro, Smith tentou aplicar o método científico ao campo da economia, num esforço para descobrir o que causa certas reações e contrarreações econômicas no mercado. Smith queria ir além da questão da especulação e identificar as causas básicas que produziam efeitos previsíveis. Mas, embora estivesse aplicando a inquirição científica à rede de ações e reações econômicas, ele falou da "mão invisível". Em outras palavras, Smith estava dizendo: "Sim, há causas e efeitos se movendo neste mundo, mas temos de reconhecer, acima de tudo, que tem de haver um poder causal último ou, do contrário, não haveria poderes causais inferiores. Portanto, todo o universo é orquestrado pela mão invisível de Deus". Em nossos dias, porém, temos nos focalizado tão intencionalmente na atividade imediata de causa e efeito, que, na maior parte, temos ignorado ou negado o poder causal que abrange tudo e está por trás de toda a vida. O homem moderno não tem, basicamente, nenhum conceito de providência.

A doutrina da providência é uma das mais fascinantes, importantes e difíceis na fé cristã. Ela lida com questões difíceis, como: "Como o poder causal e a autoridade de Deus interagem conosco? Como o governo soberano de Deus se relaciona com as nossas escolhas espontâneas? Como o governo de Deus está relacionado com o mal e o sofrimento neste mundo? E como a oração tem alguma influência sobre as decisões providenciais de Deus?" Em outras palavras, como devemos levar nossa vida à luz da mão invisível de Deus?

Comecemos com uma definição simples. A palavra providência tem um prefixo, *pro*, que significa "antes" ou "em frente de". A raiz vem do verbo latino *videre*, que significa "ver"; é desta palavra que temos a nossa palavra *vídeo*. Portanto, a palavra *providência* significa, literalmente, "ver de antemão". A providência de Deus se refere ao seu "ver algo de antemão", com respeito ao tempo.

A providência não é a mesma coisa que a presciência ou o conhecimento antecipado de Deus. A presciência é a habilidade de Deus de olhar para os corredores do tempo e saber o resultado de uma atividade antes que ela aconteça. No entanto, é apropriado usarmos a palavra providência com referência ao governo ativo de Deus quanto ao universo, porque ele é, de fato, um Deus que vê. Ele vê tudo que acontece no universo. Tudo está na visão plena de seus olhos.

Este pode ser um dos pensamentos mais terríveis que um ser humano pode ter – o de que há alguém que é, como Jean-Paul Sartre lamentou, um espreitador cósmico supremo, que olha através do buraco de fechadura do universo e observa cada ação de cada ser humano. Se há algo a respeito do caráter de Deus que repele dele as pessoas mais do que a sua santidade, esse algo é a sua onisciência. Cada um de nós tem um desejo intenso por um senso de privacidade que ninguém possa invadir, para intrometer-se nas coisas secretas de nossa vida.

No tempo da primeira transgressão, quando o pecado entrou no mundo, Adão e Eva experimentaram, imediatamente, um senso de nudez e vergonha (Gn 3.7). Eles reagiram por tentarem esconder-se de Deus (v. 8). Experimentaram o olhar do Deus da providência. Como o alpinista em minha anedota anterior, queremos que Deus olhe para nós quando precisamos de ajuda. Entretanto, na maior parte do tempo, queremos que ele nos ignore, porque queremos privacidade.

Numa ocasião memorável durante o ministério de nosso Senhor, os escribas e fariseus trouxeram à presença de Jesus uma mulher que eles apanharam em adultério. E lembraram a Jesus que a lei de Deus exigia que ela fosse apedrejada, mas, na verdade, queriam saber o que ele faria. Mas, quando falaram, Jesus se inclinou e escreveu algo no chão. Essa é a única vez que a Bíblia registra que Jesus escreveu, e não sabemos o que ele escreveu. Mas o relato nos informa que Jesus se levantou e disse: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra" (Jo 8.7). Depois, ele começou a escrever novamente no chão. Com isso, os escribas e fariseus começaram a ir embora, um por um.

Estou especulando aqui, mas pergunto se Jesus escreveu alguns dos pecados secretos que aqueles homens se mostravam zelosos em manter ocultos. Talvez Jesus escreveu "adultério", e um dos homens, que era infiel à sua esposa, o leu e foi embora de mansinho. Talvez ele escreveu "evasão de imposto", e um dos fariseus, que falhava em pagar impostos a César, decidiu tomar o rumo de casa. Em sua natureza divina, Jesus tinha a capacidade de ver, de maneira penetrante, por trás das máscaras que as pessoas usavam, ver as coisas secretas em que eles eram mais vulneráveis. Isso faz parte do conceito de providência divina. Significa que Deus sabe todas as coisas a nosso respeito.

Como já comentei, frequentemente achamos esta visão divina inquietante, mas o conceito da visão de Deus, de Deus nos ver, deveria ser reconfortante para nós. Jesus disse: "Não se vendem dois pardais por

um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai" (Mt 10.29). Este ensino inspirou a canção popular "Deus Cuida dos Pardais". Você lembra a letra: "Deus cuida dos pardais, e sei que ele cuida de mim"?[1] Creio que o autor desta canção entendeu o que Jesus estava dizendo – que Deus sabe cada vez que um pequeno pássaro cai no chão. Deus não ignora nem mesmo os menores detalhes no universo. Pelo contrário, ele governa o universo com total conhecimento de tudo o que está acontecendo nele.

Sim, este tipo de conhecimento íntimo pode ser amedrontador. Mas, porque sabemos que Deus é benevolente e cuidadoso, seu conhecimento abrangente é um consolo. Deus sabe o que precisamos, antes que lhe peçamos. E, quando as nossas necessidades surgem, ele tanto pode como está disposto a ajudar-nos. Para mim, não há nada mais reconfortante do que saber que há um Deus de providência, que está ciente não apenas de cada uma de minhas transgressões, mas também de cada uma de minhas dores e de cada um de meus temores.

---

1 Da canção "His Eye is on the Sparrow", por Civila D. Marin e Charles H. Gabriel, 1905.

Deus Faz Tudo Acontecer

Como vimos no capítulo anterior, um dos conceitos predominantes na cultura ocidental, nas duas últimas décadas, é o de que vivemos em um universo mecânico e fechado. A teoria é que tudo opera de acordo com leis físicas naturais, e que não há possibilidade para intromissão de fora. Portanto, o universo é como uma máquina que funciona por suas próprias maquinações.

No entanto, até aqueles que introduziram este conceito lá no século XVII, ainda postulavam a ideia de que Deus construiu a máquina em primeiro lugar. Sendo pensadores e cientistas inteligentes, eles não puderam escapar da necessidade de um Criador. Reconheceram que não haveria nenhum mundo para eles observarem, se não houvesse uma causa suprema para todas as coisas. Embora a ideia de um Governante providencial e envolvido nos afazeres da vida diária tenha sido questionada e desafiada, ainda era admitido, implicitamente, que tinha de

existir um Criador acima e além da ordem criada.

No conceito clássico, a providência de Deus estava intimamente ligada ao seu papel como Criador do universo. Ninguém acreditava que Deus, simplesmente, criou o universo e, depois, virou as costas e perdeu o contato com ele, ou que Deus sentou de volta em seu trono, no céu, e ficou apenas contemplando o universo agir por seu próprio mecanismo, recusando-se, ele mesmo, a envolver-se nos afazeres do universo. Pelo contrário, a noção cristã clássica era a de que Deus é tanto a causa primária do universo quanto a causa primária de tudo o que acontece no universo.

Um dos princípios fundamentais da teologia cristã é que nada neste mundo tem poder causal intrínseco. Nada tem nenhum poder, exceto o poder com que está investido – ou que lhe foi emprestado, se você assim entende – ou que age por seu intermédio, que é, em última análise, o poder de Deus. Essa é a razão por que teólogos e filósofos têm feito, historicamente, uma distinção entre causalidade primária e causalidade secundária.

Deus é a fonte de causalidade primária. Em outras palavras, ele é a causa primeira. É o Autor de tudo que existe e continua a ser a causa primária dos eventos humanos e das ocorrências naturais. Contudo, a causalidade primária de Deus não exclui causas secundárias. Sim, quando a chuva cai, a grama fica molhada, não porque Deus faz a grama ficar molhada direta e imediatamente, e sim porque a chuva aplica umidade à grama. Mas a chuva não poderia cair sem o poder de Deus, que permanece acima e sobre toda atividade causal secundária. No entanto, o homem moderno diz, imediatamente: "A grama fica molhada porque a chuva cai", e não olha para além disso, para uma causa suprema, mais elevada. As pessoas do século XXI parecem pensar que podemos viver bem apenas com as causas secundárias, não dando nenhum pensamento à causa primária.

Neste caso, o conceito básico é que tudo aquilo que Deus cria, ele sustenta. Em termos simples, esta é a ideia cristã clássica, de que Deus não é o grande Relojoeiro que faz o relógio, lhe dá corda e se afasta do cenário. Em vez disso, o que Deus faz, ele mesmo preserva e sustenta.

Na verdade, vemos isto no começo da Bíblia. Gênesis 1.1 diz: "No princípio, criou Deus os céus e a terra". A palavra hebraica, traduzida por "criou", é uma forma do verbo *bãrã*, que significa "criar, fazer". Esta palavra traz, em si mesma, a ideia de sustentar. Gosto de ilustrar esta ideia por mencionar a diferença, na música, entre uma nota *staccato* e uma nota sustentada. Uma nota *staccato* é uma nota breve e quebrada: "Lá lá lá lá lá". Uma nota sustentada é uma nota segurada: "Laaaa". De modo semelhante, a palavra *bãrã* nos diz que Deus não somente trouxe o mundo à existência, em um momento. Ela indica que ele continua a fazê-lo, por assim dizer. Deus está segurando o mundo, mantendo-o e sustentando-o.

O AUTOR DO SER

Um dos conceitos teológicos mais profundos é que Deus é o Autor do ser. Não poderíamos existir à parte de um Ser supremo, porque não temos o poder de ser em e por nós mesmos. Se qualquer ateísta pensasse séria e logicamente sobre o conceito de ser, por cinco minutos, isso seria o fim de seu ateísmo. Um fato inevitável é que ninguém neste mundo tem, em si mesmo, o poder de ser e que, apesar disso, estamos aqui. Portanto, de fato, deve haver Alguém que tem, em si mesmo, o poder de ser. Se não houvesse tal Ser, seria absoluta e cientificamente impossível que alguma coisa existisse. Se não houvesse nenhum ser supremo, não poderia existir nenhum tipo de ser. Se algo existe, tem de haver algo que tem o poder de ser; do contrário, nada existiria. É simples assim.

Quando o apóstolo Paulo falou aos filósofos no Areópago, em Atenas, ele mencionou que tinha visto muitos altares na cidade, incluindo um altar ao "AO DEUS DESCONHECIDO" (At 17.23). Em seguida, Paulo usou isso

como abertura, para comunicar-lhes a verdade bíblica: "Esse que adorais sem conhecer é, precisamente, aquele que eu vos anuncio. O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe... ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais... pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos" (vv. 23b-28a). Paulo disse que tudo o que Deus cria é totalmente dependente do poder de Deus, não somente quanto à sua origem, mas também quanto à continuidade de sua existência.

Às vezes, sou impaciente com algumas das liberdades poéticas que os escritores de hinos usam. Um hino famoso inclui esta linha: "Amor admirável! Como pode ser que tu, meu Deus, morreste por mim?" Sim, em determinada maneira de falar, Deus morreu na cruz. O Deus-homem. Aquele que era Deus encarnado, morreu por seu povo. Mas a natureza divina não morreu no Calvário. O que aconteceria ao universo, se Deus morresse? Se Deus cessasse de existir, o universo pereceria com ele, porque não somente criou todas as coisas, ele sustenta todas as coisas. Somos dependentes dele, não somente quanto à nossa origem, mas também quanto à continuação de nossa existência. Visto que não temos o poder de ser em e por nós mesmos, não podemos subsistir, nem por um segundo, sem o poder sustentador de Deus. Isso é parte da providência de Deus.

Esta ideia de que Deus sustenta o mundo – o mundo que ele fez e observa em detalhes íntimos – nos leva ao âmago do conceito de providência, que é o ensino de que Deus governa sua criação. Este ensino tem muitos aspectos, mas quero focalizar-me em três, no restante deste capítulo – as verdades de que o governo de Deus, em todas as coisas, é permanente, soberano e absoluto.

UM GOVERNO PERMANENTE

A cada quatro anos, temos uma mudança de governo nos Estados Unidos, quando uma nova administração presidencial assume. A

Constituição limita o número de anos em que um presidente pode servir como o principal executivo dos Estados Unidos. Então, por padrões humanos, os governos vão e vêm. Toda vez que um presidente assume o seu cargo, os meios de comunicação mencionam o "período de lua de mel", aquele tempo em que o novo líder é visto com favor, é recebido calorosamente, e assim por diante. Mas, à medida que as pessoas ficam mais e mais irritadas ou desapontadas com as suas políticas, a sua popularidade cai. Logo vemos alguns sábios expressarem a opinião de que precisamos expulsar o "vagabundo" do seu cargo. Em outros países, essa insatisfação tem resultado, ocasionalmente, em revolução armada, causando a deposição violenta de presidentes e primeiros-ministros. Em todo caso, nenhum governante humano detém o poder para sempre.

No entanto, Deus está sentado como Governante supremo do céu e da terra. Ele tem de tolerar pessoas que são desencantadas com seu governo, se opõem às suas políticas e resistem à sua autoridade. Mas, ainda que a própria existência de Deus possa ser negada, sua autoridade possa ser resistida e suas leis, desobedecidas, seu governo providencial nunca pode ser deposto.

O Salmo 2 nos dá uma figura vívida do reino inabalável de Deus. O salmista escreveu: "Por que se enfurecem os gentios e os povos imaginam coisas vãs? Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo: Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas" (vv. 1-3). A imagem aqui é a de um encontro de cúpula dos poderosos governantes deste mundo. Eles se reúnem para formar uma coalizão, um tipo de eixo militar, a fim de planejarem a deposição da autoridade divina. É como se estivessem planejando lançar seus mísseis nucleares contra o trono de Deus, para expulsá-lo do céu. O alvo deles é livrarem-se da autoridade divina, romperem os "laços" e as "algemas" com as quais Deus os prende. Mas a conspiração não é apenas contra "o SENHOR", é também contra o "seu Ungido". Aqui, a palavra hebraica é *mãšîah*, da qual temos a nossa palavra

Messias. Deus, o Pai, exaltou seu Filho como cabeça sobre todas as coisas, com o direito de reger os governantes deste mundo. Aqueles que estão investidos de autoridade terrena estão se aconselhando juntos, para planejarem como livrar o universo da autoridade de Deus e de seu Filho.

Qual é reação de Deus a esta conspiração terrena? O salmista disse: "Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles" (v. 4). Os reis da terra se colocam em oposição contra Deus. Concordam com pactos e tratados solenes e encorajam uns aos outros a não vacilarem, em sua resolução de depor o Rei do universo. Mas, quando Deus olha para todos esses poderes reunidos, ele não treme de medo. Deus ri, mas não o riso de satisfação. O salmista descreveu o riso de Deus como o riso de desprezo. É o riso que um rei poderoso expressa, quando mantém seus inimigos em desprezo.

No entanto, Deus não apenas ri: "Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar e no seu furor os confundirá. Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião" (vv. 5-6). Deus repreenderá as nações rebeldes e afirmará o Rei que ele constituiu em Sião.

Frequentemente, admiro-me da diferença entre a ênfase que acho na Escritura Sagrada e a ênfase que leio nas páginas de revistas religiosas, e que ouço nos púlpitos de nossas igrejas. Temos uma imagem de Deus como alguém cheio de benevolência. Nós o vemos como um criado celestial, que podemos chamar quando precisamos de serviços domésticos, ou como um Papai Noel cósmico que está pronto a nos encher de presentes. Ele tem prazer em fazer o que lhe pedimos. Enquanto isso, Deus nos exorta, afavelmente, que mudemos nossos caminhos e nos acheguemos ao seu Filho, Jesus. Geralmente, não ouvimos sobre um Deus que ordena obediência, que afirma a sua autoridade sobre o universo e insiste em que nos sujeitemos ao seu Messias ungido. Contudo, nas Escrituras, nunca vemos um Deus que convida pessoas a virem a Jesus. Ele ordena que nos arrependamos e nos convençamos de nossa traição

em nível cósmico, quer escolhamos fazer isso, quer não. Uma recusa em submeter-se à autoridade de Cristo, talvez não coloque alguém em dificuldades com a igreja ou com o governo, mas certamente criará um problema com Deus.

No discurso no cenáculo (Jo 13-17), Jesus disse aos seus discípulos que estava partindo, mas prometeu que enviaria outro Consolador (14.16), o Espírito Santo. Ele disse: "Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo" (16.8). Quando Jesus falou que o Espírito Santo viria para convencer o mundo do pecado, ele foi bem específico quanto ao pecado que tinha em mente. Ele disse que o Espírito traria convicção "do pecado, porque não creem em mim" (Jo 16.9). Da perspectiva de Deus, a recusa em submeter-se ao senhorio de Cristo não se deve apenas a uma falta de convicção ou a uma falta de informação. Deus considera tal recusa como uma falha em aceitar o Filho de Deus como o que ele realmente é.

Paulo ecoou esta ideia no Areópago, quando disse: "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam" (At 17.30). Deus tem sido paciente, disse Paulo, mas agora ordena ("notifica") a todos que se arrependam e creiam em Cristo. Raramente ouvimos esta ideia em livros ou no púlpito, a ideia de que é nosso dever submeter-nos a Cristo. Mas, embora não a ouçamos, ela não é uma opção para Deus.

Em palavras simples, Deus reina supremamente sobre o seu universo, e o seu reino nunca terminará.

UM GOVERNO SOBERANO

Vivemos em uma democracia, por isso é difícil entendermos a ideia de soberania. Nosso acordo social declara que ninguém pode governar em nosso país, exceto pelo consentimento dos governados. Mas Deus não precisa de nosso consentimento para governar. Ele nos fez e, por essa

razão, tem o direito intrínseco de nos governar.

Na Idade Média, os monarcas da Europa procuravam fundamentar sua autoridade no chamado "direito divino dos reis". Eles declaravam que tinham um direito dado por Deus para governar sobre os seus compatriotas. Na verdade, somente Deus tem esse direito.

Na Inglaterra, o poder dos monarcas, que já foi muito grande, agora é limitado. A Inglaterra é uma monarquia constitucional. A rainha goza de toda a pompa e circunstâncias da realeza, mas o Parlamento e o primeiro-ministro regem a nação, e não o Palácio de Buckingham. A rainha reina, mas não governa.

Por contraste, o Rei bíblico tanto reina como governa. E realiza o seu governo, não por meio de um referendo, e sim de sua soberania pessoal.

UM GOVERNO ABSOLUTO

O governo de Deus é uma monarquia absoluta. Nenhuma restrição exterior lhe é imposta. Ele não tem de respeitar um equilíbrio de poderes com o Congresso e a Suprema Corte. Deus é o Presidente, o Senado, a Câmara de Deputados e a Suprema Corte, todos entretecidos em um só, porque ele está investido da autoridade de um monarca absoluto.

A história do Antigo Testamento é a história do reino de Jeová sobre o seu povo. O tema central do Novo Testamento é a realização, na terra, do reino de Deus, através do Messias, a quem Deus exalta à destra de autoridade, e coroa como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ele é o Rei supremo, Aquele a quem devemos lealdade e obediência total.

Uma das grandes ironias da história é esta: quando Jesus, que era o Rei cósmico, nasceu em Belém, o mundo era governado por um homem chamado César Augusto. Falando em termos corretos, a palavra *augusto* é apropriada somente para Deus. Ela significa "de dignidade ou grandeza suprema; majestoso, venerável, eminente". Deus é o cumprimento superlativo de todos estes termos, porque o Senhor Deus onipotente reina.

Deus ou o Acaso?

Após a partida de Israel do Egito, Deus ordenou que seu povo construísse um tabernáculo, uma grande tenda que funcionaria como o centro de sua adoração. A parte mais interior do tabernáculo, que era separada por cortinas, era o Santo dos Santos, no qual somente o sumo sacerdote poderia entrar, apenas uma vez por ano, no Dia da Expiação. Ali, no Santo dos Santos, era guardada a arca da aliança. A arca não era um barco, como na história da arca de Noé, e sim uma grande caixa coberta de ouro. Dentro desta caixa, eram guardadas as tábuas dos Dez Mandamentos, a vara de Arão que florescera e um vaso que continha o maná com o qual Deus alimentou, miraculosamente, o povo no deserto (Hb 9.4). A tampa da arca, que era adornada com dois querubins de ouro, era considerada como o trono de Deus. Em palavras simples, a arca era o utensílio mais sagrado em toda a história religiosa dos judeus.

Além disso, a arca tinha um significado militar para os judeus. Quando

Moisés e Josué lideraram os israelitas em sua jornada para a Terra Prometida, e na conquista de Canaã, quando entravam em batalha contra seus inimigos, os sacerdotes levavam a arca da aliança. Quando o trono de Deus acompanhava os exércitos de Israel, eles eram vitoriosos. Deus estava com eles na batalha e lutava por eles.

Infelizmente, as pessoas começaram a associar a vitória na batalha com a própria arca e não com Deus. Vemos isto em 1 Samuel 4, que relata uma ocasião em que os israelitas foram à batalha contra os filisteus (mas não acompanhados da arca) e sofreram derrota, com a perda de 4.000 homens. Em seguida, lemos: "Voltando o povo ao arraial, disseram os anciãos de Israel: Por que nos feriu o SENHOR, hoje, diante dos filisteus? Tragamos de Siló a arca da Aliança do SENHOR, para que venha no meio de nós e nos livre das mãos de nossos inimigos" (v. 3). O povo atribuiu sua derrota a Deus, mas buscou a arca para salvá-los.

Assim, a arca foi trazida ao acampamento dos israelitas. Quando os soldados viram a chegada do trono de Deus, deram brados grandes e estridentes. Através do vale, os filisteus ouviram os brados e, quando descobriram a razão para os brados, souberam que estavam num grave problema, porque lembraram como Deus ferira os egípcios durante o êxodo (vv. 5-8).

Nesse tempo, Israel era liderado por Eli, um sacerdote e juiz. Ele era um homem piedoso, que havia servido ao povo durante várias décadas, mas tinha um defeito sério. Ele tinha dois filhos, Hofni e Fineias, que também eram sacerdotes, mas não compartilhavam da piedade de Elias e cometiam todos os tipos de profanação de sua vocação sagrada. No entanto, Eli nunca os disciplinou. Por isso, Deus lhe falou, por meio de um profeta, advertindo-o de que o julgamento cairia sobre a sua casa, porque Hofni e Fineias morreriam no mesmo dia (2.30-34).

Esta profecia se cumpriu quando os israelitas, jubilosos por terem consigo a arca de Deus, voltaram à batalha contra os filisteus, e Hofni e

Fineias acompanharam a arca. O impensável aconteceu – os israelitas *não* prevaleceram, embora a arca estivesse presente. Nesta vez, 30.000 homens israelitas caíram (4.10). Hofni e Fineias também morreram, mas o pior de tudo foi que os filisteus pagãos capturaram a arca da aliança (v. 11).

Depois da batalha, um mensageiro retornou a Siló com as más notícias. Eli estava com 98 anos de idade, cego e muito pesado (vv. 15, 18). Estava sentado junto ao portão onde proferia julgamentos, porque esperava ansiosamente por notícias da batalha. Quando o mensageiro chegou e lhe contou que Israel fora derrotado, seus filhos foram mortos e a arca capturada, Eli caiu para trás, quebrou o pescoço e morreu (v. 18).

A nora de Eli, a esposa de Fineias, estava grávida e prestes a dar à luz. Quando ouviu as notícias da derrota e da morte de seu marido, ela entrou em trabalho de parto. Deu à luz um filho, mas morreu como resultado de seu parto. Contudo, antes de morrer, ela chamou o menino de Icabô, um nome que significa "a glória se foi" (vv. 19-22). O menino nasceu no dia em que a maior glória de Israel, o trono de Deus, foi levada ao cativeiro pelos filisteus pagãos.

AFLIÇÕES PARA OS FILISTEUS

O relato nos diz que os filisteus levaram a arca para Asdode, uma de suas cinco cidades-estados. Levaram-na para seu templo mais sagrado, que era dedicado a Dagom, sua principal divindade. No templo, colocaram a arca aos pés de Dagom, um lugar de humilhação e subordinação (5.1-2). Entretanto, na manhã seguinte, eles acharam a estátua de Dagom caída com o rosto em terra; era como se Dagom estivesse prostrado diante do trono de Jeová. Os sacerdotes pegaram a estátua e colocaram-na de volta em seu lugar. Mas na manhã do dia seguinte, a estátua não somente caíra com o rosto em terra, mas também estava com a cabeça e as mãos cortadas (vv. 3-4).

Para tornar as coisas piores, uma praga de tumores irrompeu em Asdode (v. 6) e, aparentemente, uma praga de ratos (6.5). Os homens de Asdode suspeitaram que as aflições vinham da mão de Deus, por isso, reuniram um conselho para discutir o que deveriam fazer. Chegaram à decisão de enviar a arca para Gate, outra das cidades-estados dos filisteus (5.7-8). No entanto, as mesmas aflições começaram em Gate, por isso, os habitantes de Gate decidiram enviar a arca a Ecrom. Mas as notícias das aflições precederam a arca, e as pessoas de Ecrom recusaram recebê-la. Depois de sete meses de aflições, os filisteus compreenderam, finalmente, que a arca tinha de ser mandada de volta a Israel (5.9-6.1).

Devolver esse objeto sagrado a Israel não era uma tarefa simples. Os filisteus reuniram seus sacerdotes e adivinhadores para orientá-los, a respeito de como proceder. Os sacerdotes e adivinhadores recomendaram que eles mandassem a arca de volta com uma "oferta pela culpa" – cinco tumores de ouro e cinco ratos de ouro (6.2-6).

Agora, a história se torna interessante. Os sacerdotes e adivinhadores disseram aos príncipes dos filisteus que preparassem um carro novo para colocarem a arca, os tumores e os ratos de ouro. Depois, eles deveriam achar duas vacas de leite que nunca haviam recebido jugo e atá-las ao carro. Por fim, deveriam separar os bezerros das vacas. Depois que tudo isso estivesse feito, deveriam deixar o carro seguir sozinho, mas observar onde as vacas o levariam. Eles disseram: "Se subir pelo caminho rumo do seu território a Bete-Semes, foi ele que nos fez este grande mal; e, se não, saberemos que não foi a sua mão que nos feriu; foi casual o que nos sucedeu" (v. 9). Em essência, isso era um experimento elaborado para ver se Deus estivera por trás das aflições, ou se tinham acontecido por "acaso".

É vital entendermos como os filisteus "manipularam as coisas", por assim dizer, para determinar, conclusivamente, se havia sido o Deus de Israel que causara aquelas aflições.

Eles acharam vacas que tinham acabado de dar cria. Qual é a inclinação natural de uma vaca que acabou de dar cria? Se você separa a vaca de seu bezerro e, depois, a deixa ir livremente, ela tomará o caminho mais curto para chegar ao seu bezerro. De modo semelhante, os filisteus tomaram uma vaca que nunca levara jugo ou fora treinada a puxar um carro em um jugo. Nesse caso, uma vaca, provavelmente, lutará contra o jugo e, dificilmente, trabalhará bem com a outra vaca no jugo. Com estas coisas unidas no experimento, era muito improvável que o carro chegaria a algum lugar e muito menos que se dirigiria para a terra de Israel. Se as vacas fossem, de algum modo, capazes de puxar o carro, desejariam retornar aos seus bezerros. Portanto, se o carro seguisse em direção a Israel, isso seria um sinal de que Deus estava guiando as vacas – e, por conseguinte, que ele havia orquestrado as aflições que sobrevieram aos filisteus, desde a captura da arca.

UM EXPERIMENTO DE ATEÍSTAS

Este experimento parece primitivo. Aconteceu na era pré-científica. Aquelas pessoas não eram sofisticadas. Elas não tinham PhDs em física. Sua ingenuidade, quando tentaram descobrir a causa de sua aflição, é hilariante. Mas há algo sobre esta história que acho extremamente contemporânea – aquelas pessoas eram ateístas. Talvez, você se surpreenda com essa afirmação, porque a Bíblia nos diz que os filisteus tinham um templo, um sacerdócio e uma religião. Por que, então, faço a afirmação de que eles eram ateístas?

Anos atrás, quando eu dava aulas em um seminário, era responsável por ensinar um curso sobre a teologia da Confissão de Westminster, que é um documento teológico do século XVII e, também, o alicerce confessional do presbiterianismo histórico. Os primeiros dois capítulos da confissão tratam das Escrituras e do Deus trino, enquanto o terceiro capítulo é intitulado "Do Decreto Eterno de Deus". Os presbiterianos

sabem, exatamente, o que isso significa – predestinação. Os alunos de seminário gostam de considerar, em profundidade, questões doutrinárias difíceis e gostam, especialmente, de debater sobre a predestinação; por isso, havia uma empolgação quanto à minha futura palestra sobre esta doutrina. A maioria de meus alunos até convidava amigos que não criam na predestinação; por conseguinte, quando a classe se reunia para considerar esta doutrina difícil, quase o dobro do número habitual de pessoas estava presente.

Eu começava a aula com a leitura das linhas iniciais do capítulo três da Confissão de Westminster: "Deus, desde toda a eternidade, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou, livre e inalteravelmente, tudo quanto acontece". Depois, eu parava e dizia: a confissão afirma que, desde toda a eternidade, Deus ordenou, livre e inalteravelmente, tudo o que acontece; quantos de vocês creem nisso? Aquele era um seminário presbiteriano, por isso, muitas mãos se levantavam; os bons alunos presbiterianos que estavam na classe se orgulhavam de confessar sua convicção quanto à soberania de Deus.

É claro que nem todos levantavam a mão, por isso, eu perguntava: quantos de vocês não creem nisso? Ninguém anotará seus nomes. Vocês não se envolverão em problemas, não haverá nenhum tribunal de heresia aqui, nem lenha para queimá-los na fogueira; apenas sejam honestos. Por fim, certo número de alunos levantava a mão. Quando eles faziam isso, eu lhes dirigia outra pergunta: quantos de vocês se descrevem, sinceramente, como ateístas? De novo, sejam honestos. Ninguém levantava a mão; por isso, eu dizia: não entendo por que aqueles de vocês que disseram não concordar com a confissão não levantaram a mão, quando lhes perguntei se eram ateístas.

Como você pode imaginar, havia uma gritaria e um clamor da parte dos alunos que não concordavam com a confissão. Estavam prontos a me linchar. Eles diziam: "O que você está falando? Só porque não cremos que Deus ordena tudo que acontece, está nos chamando de ateístas?" Eu

respondia: isso é exatamente do que estou lhes chamando. Se não creem que Deus ordena tudo que acontece, vocês não creem em Deus. Em seguida, eu começava a explicar-lhes que a passagem lida da Confissão não diz nada exclusivamente presbiteriano. Não era, nem mesmo, uma afirmação exclusivamente cristã. A afirmação não separava presbiterianos dos metodistas, luteranos ou anglicanos, bem como não distinguia presbiterianos, mulçumanos e judeus. Apenas oferecia uma distinção entre o teísmo e o ateísmo.

O que eu desejava que aqueles alunos percebessem era isto: se Deus não é soberano, ele não é Deus. Se há uma molécula dissidente no universo – uma molécula que corre livremente, fora do escopo da ordenação soberana de Deus – não podemos ter a menor confiança de que qualquer das promessas feitas por Deus sobre o futuro acontecerá.

Portanto, essa é a razão por que digo que os filisteus eram ateístas. Eles levaram em conta a possibilidade de um evento neste mundo ser causado pelo acaso – a possibilidade de que, contra todas as evidências, a aflições que sofreram tinham acontecido por coincidência. Levaram em conta a possibilidade da ação de uma molécula dissidente; por isso, levaram em conta a possibilidade da existência de um Deus que não é soberano, e um Deus que não é soberano, não é Deus.

A grande mensagem do ateísmo é a de que o "acaso" tem poder causal. Repetidas vezes, ouvimos pessoas expressarem a opinião de que não precisamos atribuir a criação do universo a Deus, porque sabemos que o universo é resultado de espaço mais tempo, mais acaso. Isto não faz sentido; não há nada que o acaso possa fazer. Acaso é uma palavra perfeitamente boa para descrever possibilidades matemáticas, mas é apenas uma palavra. Não é uma entidade. O acaso é nada. Não tem poder, porque não tem ser; por isso, não pode exercer nenhuma influência sobre qualquer coisa. Apesar disso, hoje temos cientistas sofisticados que fazem declarações solenes de que todo o universo foi criado por acaso.

Isto equivale a dizer que nada causou algo; e não há afirmação mais anticientífica do que essa. Tudo tem uma causa, e a causa suprema, como já vimos, é Deus.

Quando os filisteus deixaram as vacas seguirem seu caminho, elas "se encaminharam diretamente para Bete-Semes e, andando e berrando, seguiam sempre por esse mesmo caminho, sem se desviarem nem para a direita nem para a esquerda" (6.12). As vacas puxavam o carro suavemente, embora nunca houvessem levado jugo. Elas seguiram para longe de seus bezerros, embora desejassem ir ao encontro deles, como é evidenciado por seu berro. E foram diretamente para Israel. Tudo isso aconteceu por acaso? Não, as vacas foram guiadas pela mão invisível do Deus de providência. Assim os filisteus souberam que essa mesma mão os afligira.

Deus É Responsável pela Impiedade Humana?

Em 12 de fevereiro de 1938, dois homens tiveram um encontro particular em um retiro, numa montanha. No decorrer de sua conversa, um dos homens disse ao outro: "Eu tenho uma missão histórica e cumprirei esta missão. Eu a cumprirei porque a Providência me destinou a fazer isso".[2] Esse homem tinha um entendimento de que o propósito de sua vida estava sob a influência moldadora da providência divina. No decorrer de sua conversa, ele prosseguiu e disse ao cavalheiro que ninguém "que está comigo será destruído".[3]

O homem que fez esta afirmação, quanto a um destino providencial, foi Adolf Hitler. De modo semelhante, quando Joseph Stalin foi elevado ao papel de *premier* da União Soviética, os bispos da Igreja Ortodoxa Russa se regozijaram neste golpe da providência, quando ficaram convencidos de

que Deus tinha levantado Stalin para ser o instrumento divino, para liderar o povo da Rússia. Entretanto, hoje, quando as pessoas discutem males diabólicos que foram perpetrados na raça humana, dois dos nomes que ouvimos mais frequentemente associados com a impiedade humana, são os de Hitler e Stalin.

Sempre que estudamos a doutrina da providência e a questão do governo divino, ouvimos, inevitavelmente, que as Escrituras nos ensinam que Deus levanta e derruba nações (Dn 2.21; 4.17; Rm 13.1). Isto suscita uma pergunta: como esta providência divina se relaciona com governos maus, indivíduos maus e, realmente, com toda a questão do mal? No capítulo anterior, fiz uma citação do terceiro capítulo da Confissão de Fé de Westminster, que diz: "Deus, desde toda a eternidade, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou, livre e inalteravelmente, tudo quanto acontece". Isso significa, então, que Deus ordenou a existência de Hitler e Stalin? O mal é ordenado pela providência de Deus?

Já foi dito que a existência do mal e a dificuldade de explicá-la à luz do conceito de um Deus soberano, que supomos ser bom, é o "calcanhar de Aquiles" do cristianismo. De acordo com a mitologia grega, quando Aquiles nasceu, sua mãe o mergulhou no rio Estige, numa tentativa de torná-lo imortal. No entanto, ela o mergulhou, pegando-o pelo calcanhar; essa parte do corpo não foi imersa e, por isso, não ficou invencível. Por fim, Aquiles foi morto quando recebeu uma flechada em seu calcanhar, durante a Guerra de Tróia. Aqueles que argumentam que o problema do mal é o calcanhar de Aquiles do cristianismo querem dizer que este é o ponto mais vulnerável do cristianismo. Se Deus ordena tudo que acontece, parece que ele tem de ordenar o mal. E, se Deus ordena o mal, o argumento diz, ele mesmo é mal.

O filósofo John Stuart Mill (1806-1873) costumava argumentar isso, em suas objeções ao cristianismo. Ele escreveu: "Nem mesmo na mais distorcida e reduzida teoria do bem já formulada pelo fanatismo religioso e filosófico, o governo da natureza pode ser usado para refletir a obra de

um ser, ao mesmo tempo, bom e onipotente".[4] Ele estava dizendo que, por causa da inegável realidade do mal, não podemos ter uma concepção de Deus como alguém que é, ao mesmo tempo, todo-poderoso e plenamente justo.

É claro que alguns tentam resolver esta dificuldade, por negarem a realidade do mal. Mary Baker Eddy, a fundadora da Ciência Cristã, disse que o mal é uma ilusão. Certa vez, tive um debate com um professor da Ciência Cristã a respeito da questão do mal. Ele insistiu em que o mal é uma ilusão, que o mal não existe realmente, enquanto eu insisti em que o mal é real. Em um ponto da discussão, eu disse: vejamos se podemos recapitular onde nos posicionamos. Você diz que o mal é uma ilusão. Eu digo que o mal é real. Você acha que eu sou real? Ele disse: "Sim". Depois, eu perguntei: você entende que estou dizendo que o mal é real? Entende também que você diz o contrário: o mal é uma ilusão? Ele disse que entendia assim. Eu prossegui: você acha que é uma coisa boa eu ensinar às pessoas que o mal é real? Ele disse que não pensava assim. Finalmente, eu perguntei: você acha que é mal eu ensinar às pessoas que o mal é real? Ele não sabia o que dizer neste ponto. Teve de concluir que eu também era uma ilusão.

A CAUSA E O EFEITO

No capítulo 1, eu comentei que a questão crucial para o homem moderno é a causalidade, e esta questão se torna mais aguda quando falamos sobre o problema do mal. Quando eu era calouro na faculdade, poucos meses depois de haver me tornado cristão, um dia eu jogava pingue-pongue em meu dormitório e, bem no meio de um voleio, ocorreu-me um pensamento (que não era original, de modo algum): se Deus é totalmente justo, ele é capaz de fazer somente o bem; portanto, como ele poderia ter criado um mundo que é contaminado com o mal? Se Deus é a fonte de todas as coisas e é bom, como poderia haver o mal? Esse

problema me perturbou profundamente, tem me perturbado até hoje e perturba também muitas outras pessoas.

Quando comecei a meditar nestas coisas e a considerar a questão da causalidade, estudei e, depois, ensinei filosofia do século XVII. O filósofo mais proeminente desse tempo foi o matemático e erudito francês René Descartes. Ele se preocupava muito em raciocinar com base em causalidade. Ele argumentava sobre a existência do mundo, dizendo que o universo exige uma causa suficiente, uma causa que é capaz de dar o resultado que agora observamos. Por isso, Descartes argumentou sobre a existência de Deus com base em causa e efeito, raciocinando em direção contrária, do universo para Deus. Um dos princípios que ele usou nesse argumento em favor da existência de Deus foi este: "Não pode haver nada no efeito que não esteja, primeiramente, na causa". Afirmando-o de outra maneira: "No efeito não pode haver mais do que é inerente à causa".

Esse princípio, que tem sido exposto por pensadores durante milênios, é um princípio válido e essencial a outros argumentos em favor da existência de Deus. Por exemplo, um argumento que usamos para provar a existência de Deus é o argumento da personalidade humana. Podemos provar que tem de haver uma causa primeira, que esta causa primeira tem de ser autoexistente e eterna, e assim por diante. Mas, antes de fazermos isso, as pessoas dirão, frequentemente: "Como sabemos que esta causa primeira é pessoal?" Uma das maneiras de respondermos esta pergunta é fazermos outra: "Somos pessoas? Existe tal coisa como personalidade, e isso envolve volição, inteligência e afeição – as coisas que são integrais ao que somos como seres humanos?" Se as pessoas concordam em que os seres humanos são pessoais, que eles têm inteligência, intencionalidade, volição, e assim por diante, eu posso responder: "Bem, não podemos ter uma fonte impessoal para a personalidade. Tem de haver personalidade na causa, se há personalidade no efeito".

No entanto, esse argumento específico, embora seja bastante válido,

pode se voltar contra os cristãos. Os críticos do cristianismo têm respondido que, se não pode haver mais no efeito do que o que é inerente à causa, então, Deus tem de ser mal; porque, se temos um efeito que é mal, e se não pode haver mais no efeito do que o que é inerente à causa, o mal tem de existir na causa.

Como respondemos este argumento? A resposta simples é que há algo na criatura que não há no Criador – o pecado. Isso não significa que a criatura tem algo maior do que o Criador; pelo contrário, a criatura tem algo muito menor do que o Criador.

UMA DEFINIÇÃO DO MAL

Para explicar o que estou pretendo dizer, quero reportar-me à definição histórica do mal. O que é o mal? Para ser claro, não estou falando do mal natural ou do mal metafísico; em vez disso, estou falando do mal moral. Os seres humanos têm, pelo menos, isto em comum com Deus – somos criaturas morais. Somos capazes de ações que podem ser julgadas como certas ou erradas. É claro que vivemos num tempo em que muitas pessoas negam essa proposição. Elas dizem que nada é objetivamente bom ou mau. Em vez disso, há somente preferências, e isso significa que tudo é relativo. Bom e mau são apenas convenções sociais que recebemos por meio de várias tradições.

Anos atrás, enfrentei uma calamidade de grande magnitude – meus tacos de golfe foram roubados. Esse roubo foi muito inquietante para mim, porque os tacos estavam em uma bolsa de golfe nova que minha esposa me havia dado; por isso, ela tinha um valor sentimental. Além disso, eu tinha dois tacos especiais que me foram dados por um amigo que está no PGA Tour. Agora, eu sou um teólogo. Espera-se que eu saiba algo sobre o pecado. Penso que tenho visto todo tipo de fragilidade humana que há debaixo do sol; e entendo as tentações que acompanham nossa humanidade. Mas, sinceramente, nunca fui capaz de entender a

mentalidade daqueles que roubam, que têm realmente a audácia de tomar para si mesmos a propriedade privada de outra pessoa.

Um homem trabalha por longas horas durante a semana, ganha rendimentos pelo suor de seu rosto, para poder comprar certa mercadoria que ele quer ou necessita. Outro homem, vendo algo que ele quer ou necessita, simplesmente toma aquilo para si, sem nenhum investimento de tempo ou esforço. Não posso entender essa mentalidade. Embora sejamos mestres da justificação pessoal, especialistas em criar desculpas para o nosso pecado, não posso imaginar como um ladrão pode contemplar a si mesmo num espelho, e ver qualquer outra coisa além de uma pessoa egoísta e egocêntrica. Em resumo, fico admirado de quão más as pessoas podem ser. Como você percebe, não pertenço ao grupo daqueles que creem que roubo não é, objetivamente, errado.

Não precisamos de argumentação filosófica complexa para provar o mal de roubar. É autoevidente. As pessoas sabem, instintivamente, que roubar a propriedade de outrem é errado. Eu posso dizer que não existe tal coisa como o mal, e até argumentar filosoficamente sobre isso, mas a argumentação acaba quando alguém rouba a minha carteira. Em seguida, eu digo: "Isso não é correto. Isso não é bom. Isso é mau".

O que é o mal? O Breve Catecismo de Westminster define o pecado desta maneira: "Pecado é qualquer falta de conformidade com ou transgressão da lei de Deus" (P&R 14). Aqui, a confissão define o pecado ou o mal, tanto de negativa, quanto positivamente. Há pecados de omissão e pecados de comissão. Mas quero me concentrar na primeira parte da definição "qualquer falta de conformidade com... a lei de Deus". A palavra "falta", neste caso, significa ausência. Portanto, o pecado é uma falta de conformidade com o padrão que Deus estabelece, quanto à justiça.

Os filósofos antigos definiram o mal em termos de "negação" e "privação". Ou seja, o mal é a negação do bem e a privação (ou a falta) da bondade. O mal é qualquer coisa que fica aquém da plenitude de justiça. Os filósofos estavam mostrando que a única maneira pela qual podemos

descrever e definir o mal, é em termos negativos. Isto significa que o mal, por sua própria natureza, é parasita. Ele depende de seu hospedeiro para a sua existência. Isto era o que Agostinho tinha em mente, quando disse que somente algo bom pode fazer aquilo que é mau, porque o mal requer volição, inteligência e um senso, ou uma conscientização moral – e todas essas coisas são boas. Portanto, algo acontece a um ser bom que indica uma perda, uma falta ou uma negação da bondade.

Agostinho adotou a posição de que é impossível conceber um ser que é completamente mau. Sim, Satanás é radicalmente mau, mas ele foi criado como um anjo, e isso significa que ele era parte da criação que Deus viu como muito boa. Por conseguinte, até Satanás foi criado bom, assim como os homens foram criados bons. Portanto, no que diz respeito à criação, o Deus eterno, que é totalmente bom, atuou como um agente moral, para criar outros agentes morais que eram bons. Mas a grande diferença entre o Criador e a criatura é que Deus é eterna e imutavelmente bom, enquanto a criatura foi feita mutavelmente boa. Ou seja, foi feita com a possibilidade de mudar, em sua conformação com a lei de Deus.

Vemos, então, que não podemos entender a desobediência sem que, primeiramente, tenhamos um conceito de obediência. A ilegalidade é definida pela legalidade. A injustiça depende de uma definição anterior de justiça. O anticristo não pode existir sem o seu relacionamento oposto a Cristo. Entendemos que o mal é definido como uma negação ou uma falta de conformidade com os padrões do bem.

A ORDENAÇÃO DO MAL

A questão suprema é esta: "Deus faz o mal?" A Bíblia é muitíssimo clara: Deus é totalmente incapaz de realizar o mal. Todavia, já afirmamos que Deus ordena tudo o que acontece, e algumas das coias que acontecem são más. Então, Deus ordena o mal? Há apenas uma resposta bíblica para

essa pergunta: sim. Se Deus não ordenasse o mal, não haveria nenhum mal, porque Deus é soberano.

Escorregamos e tropeçamos na palavra *ordenar*. Pensamos que afirmar a ordenação divina de todas as coisas significa, ou que Deus faz o mal, ou que o impõe sobre criaturas justas, forçando pessoas inocentes a praticarem atos pecaminosos. Não. Ele ordenou que suas criaturas tivessem a capacidade para o mal. Ele não as forçou a usarem essa capacidade, mas sabia que a usariam. Nesse ponto, Deus teve uma escolha. Ele poderia destruir a criação, para não permitir que o mal acontecesse. No momento em que a serpente se aproximou de Adão e Eva, e começou a sugerir desobediência, Deus poderia ter destruído a serpente, bem como Adão e Eva. Não teria havido pecado. Mas Deus, por razões conhecidas somente dele mesmo, tomou a decisão de deixar o pecado acontecer. Ele não o aprovou, mas não o impediu. Ao escolher não impedi-lo, ele o ordenou.

Preciso dizer que não tenho nenhuma ideia sobre a razão por que Deus permite que o mal estrague o seu universo. No entanto, eu sei que Deus, ao ordenar qualquer coisa, tem um propósito totalmente bom. Isto significa que, em última análise, eu penso que o mal é realmente bom? Não. Estou dizendo que deve ser bom que o mal exista, porque Deus ordena soberana e providencialmente apenas o que é bom. Em termos de seu propósito eterno, Deus julgou que é bom permitir que o mal aconteça neste mundo.

Isto não significa que os pecados que cometemos são realmente virtudes, porque contribuem para o plano providencial e o governo de Deus. A traição de Judas fazia parte da providência divina, no plano de Deus para redimir o mundo. Judas não poderia ter entregado Jesus a Pilatos, à parte do decreto providencial de Deus. Sabemos que este era o desígnio predeterminado de Deus, mas Deus não colocou o mal no coração de Judas. Deus não coagiu Judas a cometer seu pecado diabólico. Portanto, Judas não poderá se levantar no último dia e afirmar: "Se não

fosse por mim, não teria havido cruz, nem expiação, nem salvação – sou aquele que a tornou possível". O que Judas fez era totalmente mau. Contudo, quando Deus ordena todas as coisas que acontecem, ele ordena não somente o fim, mas também os meios para chegar a esse fim; e ele age por meio de todas as coisas para realizar seus propósitos justos.

Um dos versículos mais animadores da Escritura é Romanos 8.28: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito". Somente um Deus de providência soberana poderia fazer uma promessa como essa. Esta afirmação não significa que todas as coisas *são* boas, e sim que todas as coisas trabalham juntas *para* o bem. E podem fazer isso somente porque, acima de todo mal e de todos os atos de impiedade humana, está um Deus soberano que já determinou um destino tanto para o universo, quanto para nós, como indivíduos; e esse destino é perfeitamente coerente com a sua justiça.

---

2 Adolf Hitler, citado em William L. Shiter, *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany*, 3rd ed. (New York: Simon & Schuster, 1990), 326.

3 Ibid.

4 John Stuart Mill, *Three Essays on Religion* (New York: Henry Holt & Co., 1874), 38.

E Quanto à Liberdade Humana?

Em um capítulo anterior, considerei brevemente a provocativa primeira linha do capítulo intitulado "Do Decreto Eterno de Deus", na Confissão de Westminster, que diz: "Deus, desde toda a eternidade, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou, livre e inalteravelmente, tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem é violentada a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas". Os teólogos que estiveram envolvidos em formular essa afirmação doutrinária foram cuidadosos em dizer que, embora creiamos em um Deus soberano que governa e ordena tudo que acontece, seu governo soberano e providencial não é exercido de uma maneira que destrua o que chamamos de liberdade humana, ou volição humana. Em vez disso, as escolhas humanas e as ações humanas são uma parte de todo o esquema providencial das coisas, e Deus faz a sua vontade acontecer

por meio das livres decisões de agentes morais. O fato de que nossas decisões espontâneas se encaixam neste plano geral não diminui, de modo algum, a realidade dessa liberdade.

Além disso, a questão de como as nossas decisões espontâneas correspondem à providência soberana de Deus é, frequentemente, uma das questões mais difíceis com as quais temos de lidar na teologia. Anos atrás, engajei-me numa discussão com um professor da Carnegie Mellon University. Naquele tempo, ele ensinava no departamento de física e era um tanto hostil para com a teologia, vendo-a mais ou menos como pseudociência. Ele disse: "No âmago de seu sistema de crenças, estão coisas que são, simplesmente, indefiníveis". Quando lhe pedi que citasse alguns exemplos, ele disse: "Deus. O que é mais básico à teologia do que Deus? No entanto, qualquer coisa que você possa dizer sobre Deus é, em última análise, imprecisa". Eu respondi: nossa primeira doutrina a respeito de Deus é o que chamamos de "incompreensibilidade de Deus" – o fato de que nenhum conceito pode descrevê-lo exaustivamente. Mas, isso não significa que as afirmações que fazemos sobre ele são totalmente inadequadas. Com certeza, vocês podem entender as nossas dificuldades na ciência da teologia, porque têm de lidar com o mesmo problema na física. Ele negou que a física tivesse qualquer problema semelhante e me pediu que esclarecesse. Eu disse: O que é a energia? Quão básica é a energia para a física moderna? Ele respondeu: "Posso responder essa pergunta – a energia é a capacidade de fazer trabalho". Eu lhe disse: não, não estou lhe perguntando o que a energia pode fazer. Estou lhe perguntando o que ela é. Ele disse: "Muito bem, energia é MC^2". Eu disse: não, não quero a sua equivalência matemática. Eu quero a sua estrutura ontológica. Finalmente, ele suspirou e disse: "Entendo o que você quer dizer".

Uma tendência humana é pensar que podemos resolver um mistério metafísico, por lhe dar um nome ou lhe dar uma definição. Não existe

ninguém neste mundo, pelo menos que eu conheça, que entenda a gravidade. De modo semelhante, não conheço nenhum cientista que tenha respondido a velha e desconcertante pergunta filosófica e cientifica: "O que é movimento?" Colocar um rótulo em algo, ou atribuir-lhe um termo técnico, não explica tudo a seu respeito.

A DOUTRINA DA COINCIDÊNCIA

Entrei neste assunto difícil, porque temos uma palavra para descrever a relação entre a soberana providência divina e a liberdade humana. Mas, embora seja uma palavra bastante útil, ela é meramente descritiva; não explica como as ações dos homens e a providência de Deus se harmonizam. A palavra é *coincidência*. Coincidência se refere a ações de duas ou mais partes, que acontecem ao mesmo tempo. Uma linha de ações ocorre juntamente com outra linha de ações, e elas acontecem para se encaixarem ou convergirem na história. Portanto, a doutrina cristã da relação entre a soberania de Deus e as ações volitivas dos homens é chamada de doutrina da coincidência. Como você percebe, a palavra coincidência apenas designa o processo, mas não o explica.

Acho que uma das melhores ilustrações para a doutrina da coincidência se acha no livro de Jó, no Antigo Testamento. Este livro é apresentado, de certo modo, na forma de um drama, e a cena de abertura acontece no céu. Satanás entra em cena depois de rodear a terra e passear por ela, examinando as realizações dos homens que, conforme se pensava, eram dedicados a Deus. Deus perguntou a Satanás: "Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal" (1.8). É claro que Satanás era cínico. Ele disse a Deus: "Porventura, Jó debalde teme a Deus? Acaso, não o cercaste com sebe, a ele, à sua casa e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra" (vv. 9b-10). A pergunta de Satanás sugeriu que Jó era fiel e leal ao seu Criador

apenas por causa do que recebera de Deus. Em seguida, Satanás desafiou a Deus: "Estende, porém, a mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face" (v. 11). Portanto, Deus concedeu a Satanás a permissão de atacar todas as possessões de Jó e, depois, a saúde de Jó.

Como Satanás realizou esse ataque contra Jó? Somos informados de que, entre outros eventos, os caldeus roubaram os camelos de Jó (v. 17). Neste roubo, três agentes estão envolvidos – os caldeus, Satanás e Deus. Consideremos cada um desses agentes, um por um.

Alguns eruditos, focalizando-se no intento maligno de Satanás, concluem que os caldeus eram homens corretos que respeitavam Jó, mas forças demoníacas, sob o controle de Satanás, os impeliram a roubar os camelos de Jó. Eles não tinham nenhum pensamento de roubar Jó, até que Satanás colocou a ideia na mente deles. Mas a Escritura não faz essa afirmação. A verdade é que os caldeus eram ladrões de camelo desde o início. E tinham uma raiva invejosa e cobiçosa de Jó; a única coisa que, por anos, os manteve longe dos currais de Jó foi a cerca protetora, que Deus colocara ao redor de Jó. Sendo-lhes dada a chance, os caldeus ficaram mais do que felizes em roubar os camelos de Jó.

Satanás não estava interessado em ver os caldeus pegarem alguns poucos camelos. Seu alvo, neste drama, era forçar Jó a amaldiçoar a Deus. Estava agindo com malícia e maldade para subverter a autoridade e a majestade de Deus. Satanás esperava que o roubo dos camelos de Jó, pelos caldeus, fosse um passo em direção a esse objetivo. Portanto, houve uma harmonia de propósitos entre os caldeus e Satanás.

No entanto, houve uma total desarmonia entre os propósitos dos caldeus e Satanás e os propósitos de Deus. Baseado no que temos aprendido até aqui, sobre a providência, podemos concluir que Deus ordenou que os camelos de Jó fossem roubados. Esse era o plano providencial de Deus. Mas o propósito de Deus era vindicar Jó das acusações injustas de Satanás, bem como vindicar sua própria santidade.

Vindicar Jó era um propósito legítimo para Deus? Vindicar sua própria santidade era um propósito legítimo para ele? Não estou dizendo que o fim justifica os meios, mas os propósitos e os desígnios de Deus têm de ser considerados em nossa avaliação do drama. Deus não pecou contra Jó. A justiça não exigia que Deus sempre guardasse Jó de perder seus camelos. Lembre-se: Jó era um pecador. Ele não tinha direito de posse eterna daqueles camelos. Quaisquer camelos que Jó possuísse eram dons da graça de Deus, e, debaixo do céu, Deus tinha todo o direito de remover ou recusar essa graça para cumprir seus propósitos santos. Por isso, neste drama, Deus agiu corretamente, mas Satanás e os caldeus fizeram o mal. Um evento, três agentes, três propósitos diferentes.

COINCIDÊNCIA NA HISTÓRIA DE JOSÉ

Minha ilustração favorita de coincidência é a história de José, que achamos nos últimos capítulos de Gênesis. José foi privilegiado por seu pai, Jacó, que lhe deu uma túnica colorida. Os irmãos de José o odiaram por causa do tratamento privilegiado (37.3-4). Um dia, quando José caiu nas mãos de seus irmãos, longe dos olhos cuidadosos do pai, eles conversaram sobre matar José, mas, no final, apenas o venderam para uma caravana de mercadores que desciam para o Egito (vv. 18, 28). No Egito, José foi vendido a Potifar, o comandante da guarda de Faraó. Ele serviu bem a Potifar e se tornou mordomo de toda a sua casa (39.1-4). Mas a esposa de Potifar fez investidas para com José, que as recusou. O inferno não conhece uma fúria como a de uma mulher desprezada. Por isso, ela acusou José de tentativa de estupro, e José foi lançado na prisão (vv. 7-8, 14-15. 20).

Enquanto estava na prisão, José conheceu o copeiro e o padeiro de Faraó, que haviam ofendido ao rei (40.1). Durante o tempo deles na prisão, José interpretou os sonhos do copeiro e do padeiro, e ambos os sonhos se tornaram realidade (vv. 8-23). Algum tempo depois, após o

copeiro ser restaurado, ele falou a Faraó a respeito da habilidade de José, e Faraó o convocou para interpretar seu próprio sonho (41.12-36). Faraó se sentiu tão agradecido, que designou José como o primeiro-ministro do Egito, com o dever de preparar as coisas para enfrentarem a fome que Faraó havia previsto em seu sonho (vv. 37-45).

Quando a fome chegou a terra, afligiu também a terra natal de José. A família de Jacó ficou faminta, e, por isso, ele enviou alguns de seus filhos ao Egito, para comprarem suprimentos de comida que o sábio primeiro-ministro havia estocado para o povo egípcio (42.1-2). Quando os filhos de Jacó chegaram ao Egito, se encontraram com José, que os reconheceu, enquanto eles não o reconheceram (vv. 6-8). José ocultou sua identidade por um tempo, mas, por fim, revelou que era o irmão que eles tinham perdido havia muito tempo (45.3). A convite de José, Jacó mudou toda a sua família para o Egito (46.5-7).

Anos mais tarde, após a morte de Jacó, os irmãos ficaram temerosos de que José tomaria vingança deles, por tê-lo vendido à escravidão (50.15). Por isso, inventaram uma história, afirmando que Jacó lhes dissera que desejava que José lhes perdoasse (vv. 16-17). Eles não precisavam ter se preocupado, José lhes perdoara havia muito tempo. José disse: "Não temais; acaso, estou eu em lugar de Deus? Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida" (vv. 19-20).

José não encobriu o pecado de seus irmãos. Ele disse: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim". José estava dizendo que eles tinham agido com má intenção ao vendê-lo aos midianitas. Como no caso dos caldeus, os irmãos de José eram culpados de pecado, o pecado que eles mesmos quiseram cometer. Mas Deus está acima de todas as escolhas humanas, e opera por meio da liberdade humana para realizar seus próprios objetivos providenciais. Isto era o que José estava dizendo: "Vocês escolheram fazer uma coisa pecaminosa, mas todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus e são chamados

segundo o seu propósito. Sou chamado segundo o propósito de Deus, e ele produziu o bem por meio disso". Que bem? Primeiramente, Deus enviou José ao Egito para fazer preparações para a fome e, por meio disso, salvar muitas vidas, incluindo as de sua própria família. Em segundo, Deus fez toda a família de Jacó mudar para o Egito, para que ali prosperassem e se multiplicassem, tão somente para serem escravizados e, depois, libertados pela poderosa mão de Deus, em um dos momentos-chave na história de redenção. E Deus fez tudo isso por meio da coincidência de sua própria vontade justa e da vontade pecaminosa dos irmãos de José.

DEUS PLANEJOU TUDO PARA O BEM

Há uma velha e simples história que nos ensina uma lição profunda: "Por falta de um cravo, perdeu-se a ferradura. Por falta da ferradura, perdeu-se o cavalo. Por falta do cavalo, perdeu-se o cavaleiro. Por falta do cavaleiro, perdeu-se a mensagem. Por falta da mensagem, perdeu-se a batalha". O que teria acontecido, na história do mundo, se Jacó não tivesse dado a José uma túnica colorida? Se não houvesse a túnica, não haveria a inveja. Se não houvesse a inveja, não haveria a venda traiçoeira de José para os mercadores midianitas. Sem a venda traiçoeira, não haveria nenhuma descida ao Egito. Sem a descida ao Egito, não haveria nenhum encontro com Potifar. Sem o encontro com Potifar, não haveria nenhum problema com sua esposa. Sem o problema com sua esposa, não haveria nenhuma prisão de José. Sem a prisão de José, não haveria nenhuma interpretação dos sonhos de Faraó. Sem a interpretação dos sonhos de Faraó, nenhuma elevação de José à função de primeiro-ministro. Sem a elevação à função de primeiro-ministro, nenhuma reconciliação com os irmãos de José, nenhuma migração do povo judeu para o Egito. Sem a migração ao Egito, nenhum êxodo do Egito. E, sem o êxodo do Egito, nenhum Moisés, nenhuma lei, nenhum profeta – e nenhum Cristo! Você

acha que foi um acidente no plano de Deus o fato de que aquela túnica aconteceu? Deus planejou tudo para o bem.

Certa vez, Jonathan Edwards pregou um sermão intitulado "Deus, o Autor de Todas as Boas Volições e Ações". Eu amo o título desse sermão, porque mostra como Edwards era diferente do crente típico. Sempre que fazemos escolhas boas, nobres e virtuosas, gostamos de assumir todo o crédito. Por outro lado, se fazemos algo que não é tão bom, algo mau, fabricamos desculpas e ignoramos a culpa. Não queremos assumir o crédito por nossas más escolhas. Às vezes, procuramos lançar a culpa em Deus, como Adão o fez, quando disse: "A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi" (Gn 3.12). Adão tentou lançar sobre Deus a culpa da queda. Essa é a nossa tendência – tomar o crédito pelo bem e transferir a culpa pelo mal. Edwards, porém, entendeu que quaisquer boas obras que fazemos, quaisquer escolhas certas que fazemos, acontecem somente porque Deus está agindo em nós.

É difícil entender a relação entre a providência de Deus e a liberdade humana, porque o homem é verdadeiramente livre, no sentido de que tem a capacidade de fazer escolhas e de escolher o que quiser. Mas Deus também é verdadeiramente livre. Essa é a razão por que a Confissão de Fé de Westminster pode dizer que Deus ordena "livremente" tudo, sem violentar "a vontade da criatura". Evidentemente, se já ouvi isto uma vez, já o ouvi inúmeras vezes: "A soberania de Deus nunca pode limitar a liberdade do homem". Isso é uma expressão de ateísmo, porque, se a soberania de Deus é limitada, em alguma medida, por nossa liberdade, ele não é soberano. Que tipo de conceito de Deus temos, que nos diria que Deus é paralisado pelas escolhas dos homens? Se a liberdade de Deus é limitada por nossa liberdade, nós somos soberanos e não Deus. Não, nós somos livres, mas Deus é muito mais livre. Isto significa que nossa liberdade nunca pode limitar a soberania de Deus.

A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.editorafiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel